

AS POTENCIALIDADES DOS ARQUIVOS PESSOAIS PARA A HISTÓRIA DO RÁDIO EM PELOTAS/RS – A ORGANIZAÇÃO DO ARQUIVO PESSOAL SONORO DO RADIALISTA ROBERTO DOS REIS COSTA (1995-2002)

**CHARLES ÂNDERSON DOS SANTOS KURZ¹; ARISTEU ELISANDRO
MACHADO LOPES²**

¹*Universidade Federal de Pelotas – charleskurz@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – aristeuufpel@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Desde os seus primórdios na década de 1920 com a criação das primeiras Rádios Sociedade, as transmissões radiofônicas trazem certo encantamento e mexem com o imaginário dos seus ouvintes. Da época de ouro até os dias atuais, o rádio:

Criou modas, inovou estilos, inventou práticas cotidianas, estimulou novos tipos de sociabilidade. Ícone da modernidade até a década de 1950, ele cumpriu um destacado papel social tanto na vida privada como na vida pública, promovendo um processo de integração que suplantava os limites físicos e os altos índices de analfabetismo do país. (CALABRE, 2002, p.7)

A cidade de Pelotas/RS foi uma das precursoras com relação ao desenvolvimento do rádio no Rio Grande do Sul. Segundo Ferraretto (2002), a Pelotas da década de 1920 apresentava as condições necessárias para o surgimento de uma associação que reunisse os amantes da radiofonia. Em Pelotas estavam reunidos os dois ingredientes que dariam sustentação a ideia de uma Rádio Sociedade: a cultura e o dinheiro (THOMÉ, 2001, p.10). Foi assim que surgiu a Sociedade Rádio Pelotense em 1925, a primeira do Rio Grande do Sul e a mais antiga ainda em atividade no território nacional. Outras emissoras AM foram criadas no decorrer das décadas, sendo que algumas ainda se mantêm em funcionamento, como a Rádio Cultura (1933), a Rádio Tupanci (1958) e a Rádio Universidade (1967). O rádio sempre teve relevância social e faz parte da história da cidade de Pelotas, mas, infelizmente, até hoje pouco foi abordado pela historiografia.

Para pesquisar a história do rádio em Pelotas, nos deparamos com uma problemática que dificulta o processo. Da mais antiga emissora AM, que é a Rádio Pelotense (1925) até a mais nova, a Rádio Universidade (1967), a dificuldade de encontrar arquivos institucionais é enorme. Ao passar das décadas, diversas situações ocorreram para contribuir com esse processo, fosse a venda das emissoras, a troca de diretores que ordenavam a reutilização das fitas magnéticas ou até mesmo o incêndio que atingiu a Rádio Universidade, resultando na perda dos registros das suas primeiras transmissões.

Devido a essas problemáticas, o pouco que resta sobre as grandes transmissões e sobre a maioria desses radialistas que fizeram parte do cotidiano das pessoas da cidade de Pelotas ao passar das décadas, são as memórias dos ouvintes e dos próprios radialistas e os arquivos pessoais que estes possuem. Esses arquivos pessoais geralmente são compostos por agendas, cadernos com anotações, crachás de imprensa, carteiras de sindicato e transmissões nas quais eles participaram ou foram marcantes em suas trajetórias. A partir disso, o objeto

deste trabalho será a organização do arquivo pessoal sonoro do radialista Roberto dos Reis Costa, composto por 171 fitas magnéticas de parte de sua trajetória no meio radiofônico na cidade de Pelotas, entre os anos de 1995 e 2002.

2. METODOLOGIA

O acervo do radialista Roberto Costa é composto por 171 fitas cassete de programas e transmissões radiofônicas de sua trajetória dentro do rádio. Entre elas, transmissões esportivas dos clubes da cidade (Esporte Clube Pelotas, Grêmio Atlético Farroupilha e Grêmio Esportivo Brasil), da seleção brasileira de futebol, bailes de carnaval e, principalmente, do programa *Pelotas à Noite*, no período em que ele era um dos apresentadores entre os anos de 1997 e 2002, o qual ocorria diariamente nas madrugadas pelotenses pela Rádio Universidade.

Devido ao acervo ser composto por fitas cassete, um suporte magnético, devemos considerar a obsolescência tecnológica e as dificuldades para se ter contato com os conteúdos dessas fitas, pois os próprios dependem de um dispositivo tecnológico como intermediário.

Ao contrário de um documento escrito ou fotográfico, os suportes, para serem gravados, transmitidos e compreendidos, necessitam de um dispositivo tecnológico. Para escutarmos um disco de vinil do Tom Jobim, por exemplo, é necessário que o disco seja lido por um equipamento compatível com esse suporte, no caso, com um toca-discos. Há, portanto, sempre um dispositivo que cumpre o papel de intermediário entre o suporte – no qual está armazenado o conteúdo do documento – e o ouvinte/espectador. Essa singularidade do documento audiovisual já cria, imediatamente, uma série de desafios no que concerne a sua preservação e o seu manuseio, uma vez que não só o suporte deverá ser o motivo de cuidados e estratégias de preservação, mas também os dispositivos tecnológicos que lhe são atrelados. (BUARQUE, p.38-39, 2008)

A digitalização dessas fitas desponta como uma das principais intervenções no intuito de garantir a preservação desses documentos sonoros. Após a verificação do estado das fitas cassete e garantir que não havia a necessidade de uma higienização, foi utilizado um aparelho toca-fitas ligado por um cabo P2-P2 a placa de som de um computador para que os registros passassem por um *software* de gravação de áudios. Com a conclusão da digitalização do acervo, haverá uma maior facilidade para se ter contato com seus conteúdos viabilizando infinitas possibilidades de pesquisas. Concomitante ao trabalho de digitalização está sendo confeccionado um catálogo com as principais informações sobre os conteúdos dessas fitas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao término da digitalização das fitas, chegamos ao número de 150 horas e 28 minutos de áudios digitalizados em formato mp3. O momento atual está sendo de organizar o catálogo do acervo com as principais informações, participantes, apresentadores, temas dos programas, entre outras informações que possam ser compiladas para facilitarem pesquisas futuras.

Com relação aos conteúdos, o programa *Pelotas à Noite* é aquele que conta com o maior número de fitas dentro deste acervo (146 fitas). Este programa ocorria na Rádio Universidade (RU/UCPel) em um horário pouco convencional, da

zero hora às 03 horas da madrugada. O programa era apresentado por Roberto Costa e Telmo Freitas, fazendo parte da equipe na central técnica, Daniel Kurz e como repórteres da madrugada, Arlindo Link e Giovanne Guimarães. O programa teve início no dia 1º de abril de 1997 e seguiu com o mesmo modelo até o ano de 2002, quando um dos apresentadores (Roberto Costa), se desligou para ir trabalhar em outra emissora no estado de Santa Catarina.

O formato do programa era simples. Nos primeiros trinta minutos, um dos locutores apresentava um editorial e lançava um tema/pergunta para ser respondida pelos ouvintes no decorrer do programa. A participação ocorria a partir de ligações telefônicas, onde certos ouvintes ligavam corriqueiramente para darem suas opiniões e debaterem sobre os temas propostos. Em dias especiais havia entrevistas com autoridades locais, políticos em geral, músicos e programas realizados diretamente de alguma casa noturna da cidade. A participação dos ouvintes era uma das principais características do programa, onde, junto com os radialistas do programa, se denominavam *Confraria da Madrugada*, que dava a ideia de um forte sentimento de pertencimento àquele grupo. Devido a todo interesse que esses ouvintes demonstravam durante os programas, os responsáveis pelo *Pelotas à Noite* passaram a organizar jantares com música ao vivo para reunir a *Confraria*. Ela era composta pelos mais diversos perfis de pessoas, classes e condições sociais. De professores universitários a trabalhadores noturnos, como porteiros, taxistas e seguranças.

Neste programa há diversas possibilidades de pesquisa, a relação entre os ouvintes, os radialistas e o rádio, assim como os diversos temas que adentravam madrugada adentro sendo debatidos. O tema mais corriqueiro era com relação as políticas municipais, estaduais e federais.

4. CONCLUSÕES

A história do rádio se mistura com a história de Pelotas. Mesmo com todos os problemas encontrados, principalmente devido à falta de consciência e interesse das emissoras ao passar das décadas com suas memórias, os arquivos pessoais podem ser uma excelente forma de compreendermos um pouco do que já foi a importância do rádio na cidade. Mesmo que este acervo só comporte o final da década de 1990 e início dos anos 2000, são inúmeras as possibilidades abertas através dele. Sejam as relações entre ouvintes, rádio e radialistas, as discussões políticas e as entrevistas com autoridades locais no contexto do período, as noites pelotenses a partir dos programas especiais em casas de show às sextas-feiras, o carnaval, enfim, um local onde várias relações se estabeleciam e muitas vezes sendo o único local onde a população tinha voz para ser ouvida. Além disso, é uma ótima forma de manter viva a voz dos grandes radialistas da cidade, pois pela falta de preservação, muitos vivem apenas nas memórias dos ouvintes e de seus companheiros de trabalho. Mesmo trabalhando com os microfones a vida inteira, nada restou do seu principal instrumento de trabalho: suas vozes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUARQUE, M. D. Documentos sonoros: Características e estratégias de preservação. **PontodeAcesso**, Salvador, v.2, n.2, p.37-50, ago./set. 2008.

CALABRE, L. **A Era do Rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zazar Ed., 2002.



FERRARETTO, L. A. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40):** dos pioneiros às emissoras comerciais. Canoas: Ed. Da Ulbra, 2002.

MALDANER, S. S. **Documento Sonoro como Patrimônio Arquivístico Documental:** um ambiente de descrição, difusão e acesso para o museu antropológico Diretor Pestana. 2016. 416f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria.

THOMÉ, L. T. (org). **Na onda do progresso:** O papel do rádio no desenvolvimento do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Alternativa Consultoria: 2001.